

Um bordadeiro de palavras

An Embroiderer of Words

Pupa Gatti*

Há¹ mais de vinte anos, o professor, advogado e escritor Luiz Guilherme Santos Neves ocupa uma cadeira no Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais do Espírito Santo – Inocoopes. Longe de academias de letras e de chás com imortais, o capixaba se diz escritor meio por acaso.

Com voz mansa, confessa a alegria de ver publicado – junto com a edição de hoje do jornal *A Gazeta* – o seu romance *A nau decapitada*. As ilustrações são de Lando. Este é o terceiro texto escolhido do Projeto Nossolivro, idéia da Rede Gazeta de Comunicações, Prefeitura Municipal de Vitória e Universidade Federal do Espírito Santo.

Devagarinho, como “bordadeiro”, tece as frases do terceiro romance. O Espírito Santo do início do século serve de cenário para sua ficção. Um governante e suas manhas é o personagem principal.

* Jornalista e editora. Mestrado em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

¹ GATTI, Pupa. Um bordadeiro de palavras. *A Gazeta*, Caderno 2, Vitória, p. 1, 26 out. 1994.

Através da revista *Você* descobriu a crônica. Lhe agrada esta miniatura. Mais ainda, pelo descompromisso com o tempo marcado para escrever. Ao se imaginar jornalista, trabalhando contra o relógio, confessa: seria despedido no dia seguinte.

– Agradou ao senhor a escolha de *A nau decapitada* para ser publicado?

– No início, *A chama da missa* é que estava cotado. Eu mesmo sugeri a troca. *A nau decapitada* é mais adequada ao projeto, altamente elogiável, pois coloca o escritor capixaba ao alcance do público. O livro deveria permitir uma leitura mais fácil. Não poderia ser outro. Gostei muito.

– Projetos como esse despertam o público para a leitura?

– Acho que sim. Apesar do universo a ser atingido ser bastante variado, eclético, há condições de se conduzir o projeto para efetivamente alcançar determinado nível de leitores.

– A falta de distribuição adequada impede que obras de autores capixabas sejam mais conhecidas?

– Sem dúvida, a distribuição do autor capixaba é o grande gargalo que o escritor vive ao produzir sua obra. Temos bons autores no Espírito Santo – não estou me incluindo entre eles –, na área do romance, conto e poesia, mas eles não conseguem projeção, nacional ou estadual, por falta de uma distribuição eficiente por parte dos que editam as obras. Na medida em que isso for superado, teremos escritores capixabas muito mais conhecidos, com capacidade de competir, inclusive, a nível nacional.

– Um bom escritor pode ficar distante de uma boa vendagem em razão de uma má distribuição?

– Não tenho a menor dúvida. E citaria dois bons escritores, que ainda estão reduzidos à província por esta dificuldade: Adilson Vilaça e Reinaldo Santos Neves. Os dois têm peso para uma produção nacional dentro da área em que atuam. Isso só não aconteceu por falta de uma boa divulgação. Acredito que a médio prazo haverá a descoberta destes autores e de outros mais.

– O senhor se confessou um escritor de poucos livros. É uma escolha?

– Tenho preguiça de escrever, do trabalho disciplinado do autor que objetiva a criação de uma obra mais densa. Então, como autor preguiçoso que sou, em termos de romance publiquei dois: *A nau decapitada* e *A chama da missa*; uma coletânea de contos – *A torre do delírio*, e fiquei nisso. E estou entrando na área da crônica através da revista *Você*, sob pseudônimo. Em termos literários esta tem sido a minha contribuição.

– Que sentimento lhe faz quebrar a preguiça e pegar a caneta?

– Às vezes, a força vem da própria história. A história começa a crescer e este crescimento me leva a trabalhar. É uma sensação de inquietação. Surge como uma necessidade de produzir. Acontece que não tenho sentido isso ultimamente e tenho ficado mais na área da crônica.

– Como é o seu processo de criação? Por exemplo, no caso de *A torre do delírio*, como foi?

– Se tomar como referência *A torre do delírio*, um livro com 25 contos pequenos, ele saiu praticamente de um jato. Um conto foi puxando o outro. Uma coisa que até me surpreendeu. Foi um processo diário. Não no sentido muito disciplinar de sentar e escrever. Fui tomado, assim, por uma vaga de inspiração – não gosto desta expressão – e aquilo veio e acabou se convertendo em livro. No caso da *Torre*, a idéia não nasceu premeditadamente livro. Surgiu um conto, depois

outro, e pelo encadeamento percebi que estava de posse de alguma coisa que poderia resultar em livro.

– O senhor é crítico em relação à sua criação? Ouve outras pessoas?

– Faço a primeira autocrítica e depois submeto os escritos à leitura de algumas pessoas mais ligadas. Sou muito dócil, me submeto muito a essas opiniões com o objetivo de saber se o que escrevi vale a pena. Só depois de colher duas ou mais opiniões de pessoas mais ligadas, e ainda assim as deixo sob suspeição por causa dessa ligação, me sinto encorajado – é uma questão de coragem – a deixar que o texto se converta em livro.

– Assustam ao senhor as críticas dos leitores?

– Isso para mim é assustador. Esta exposição é assustadora porque me obriga a ser um crítico ainda mais feroz daquilo que produzo ou possa produzir para criar um livro. Reinaldo (Santos Neves) é um dos primeiros a ler. Passo para Renato Pacheco e outros, que dentro da área literária têm capacidade de opinar. Principalmente alguém que entenda de português.

– Os cuidados em relação à língua portuguesa são muitos?

– Cuido da escritura correta. Por vício até de formação. Filho de professor de português... Meu pai era muito exigente com ele e fomos encaminhados dentro desta linha. O ofício de escritor é muito de formação doméstica. No caso de Reinaldo, não tenho a menor dúvida da influência de meu pai.

– Como professor, o senhor se depara com textos nas estantes das livrarias que ficariam melhores se guardados na gaveta do autor?

– Hoje há uma desproporção maior em relação à correção da linguagem. Procura-se deixar o escritor como que à vontade para escrever errado. Há quase um

complô neste sentido. As regras da língua têm que ser observadas no que diz respeito, não à linguagem erudita, mas à linguagem correta. Hoje há uma tendência a se deixar o escritor mais livre para cometer, sem maiores sanções, os erros da gramática. E isso me parece altamente pernicioso. Isso é uma afronta. A criatividade é uma coisa. A escritura da criatividade é coisa diferente. Elas têm que estar unidas. Há uma característica, às vezes, iconoclasta. A mim, não me agrada. A língua tem que ser respeitada como estrutura gramatical para o bom exercício da transmissão clara e correta das idéias.

– O Brasil escolheu para presidente uma pessoa com formação humanista, professor e sociólogo. No Espírito Santo, o segundo turno coloca nas urnas dois candidatos com discursos bem distintos. Surpreendeu ao senhor esse contraste?

– Me surpreendeu exatamente nos termos em que você coloca: neste tipo de contraste. O Cabo Camata, em termos políticos e eleitorais, hoje representa uma exteriorização de uma situação social muito grave e muito séria que caracteriza o Espírito Santo. Principalmente em relação à região mais populosa do Estado, a Grande Vitória, onde a gente percebe que há uma massa de pessoas desprovida de instrução, com incapacidade de julgamento do que é bom ou mau para o Estado. Este candidato é um reflexo disso. É produto dessa grave situação social, que vai marcar a história do Espírito Santo.

– Pode-se falar, neste caso, em falha no sistema educacional que não ensina às crianças a fazer escolhas ou a assumir responsabilidades?

– Quando falo nos problemas sociais vejo este lado também. No fracasso, no desastre que tem sido a educação no Brasil nestes últimos quinze anos. O que precisa ser valorizado é o ensino. Isso, na verdade, tem se mantido só na letra das leis. Quando isso for encarado com a seriedade que precisa ser encarado as coisas tendem a mudar.

– Isso depende de vontade política?

– É uma questão de ação política. Essa ação política não tem sido exercitada no Brasil, não só em relação à educação mas em relação à saúde, segurança, e outros problemas básicos que o Brasil vive hoje. É preciso fazer isso o mais depressa possível.

– Os suplementos literários nos jornais são importantes?

– Muito importantes. Alguns jornais no Rio mantêm estes suplementos. No Espírito Santo, se isso pudesse ser feito, teria um grande alcance. É uma forma do escritor novo se apresentar ao público.

– Um livro a cada três anos ou um texto todos os dias. O que lhe dá maior prazer?

– Escrever todos os dias não conseguiria não. Outras ocupações me tomam o tempo necessário para isso. Gostaria muito de escrever todos os dias. Mas sou um escritor que não tem a competência que os jornalistas têm. De sentar diante da máquina e escrever com aquela velocidade invejável. Tenho uma inveja enorme quando chego na redação de um jornal e vejo todos trabalhando com aquela volúpia e velocidade. Meu trabalho de escrita é um trabalho de bordadeiro. No jornal, seria despedido no dia seguinte. O que me causa inveja é que apesar da fatalidade do tempo que os jornalistas dispõem, muitos conseguem escrever muito bem. Acho isso fantástico.